

UM MATERIALISMO AFETIVO*

PIERRE-OLIVIER DITTMAR**



Fig. 1. A parede de ex-votos do Largo Preneste, Roma, 2018
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar

Para quem, durante uma noite, passeie pelos subúrbios de Roma ao longo do Largo Preneste, num incharacterístico eixo rodoviário com três faixas de cada lado, ladeado por velhas indústrias, brilhará através das luzes dos faróis, supondo que este é um caminhante atento, um longo muro de tijolos com centenas de placas de mármore fragilmente fixadas. Mais de perto verá nas inscrições enigmáticas, repetidamente «P.R.G.», iniciais, apelos, agradecimentos de todo o tipo, desejos de amor, de saúde e de trabalho. Detendo-se um pouco mais, reparará, escorregando por entre os tijolos, pequenos animais em plástico, corações enferrujados, cartas inteiramente redigidas em lápis sobre papel, soltando-se por trás do mármore. Fotos de casais, de acidentes. Algemas mal seladas por gesso.

* Texto traduzido para português por Inês Afonso Lopes e João Rebelo.

** École des Hautes Études en Sciences Sociales. Email: pierre-olivier.dittmar@ehess.fr.

Afastada de qualquer igreja, afastada dos lugares de peregrinação turística, esta perspectiva da rua, um exemplo entre mil, testemunha a prática obstinada, no seio das sociedades contemporâneas de exprimir o desejo e a gratidão através de um pedaço de matéria¹.

1. EXTENSÃO DO DOMÍNIO DO EX-VOTO

O que é que dizemos com alguma «coisa» que não poderíamos exprimir com palavras? A fórmula *ex-voto* oferece um paradigma de primeira envergadura para refletir o lugar da materialidade nas práticas de trocas com os invisíveis: estaremos à procura de passar para o lado do invisível e dos seus poderes através de objetos transacionais ou de captar esses poderes para o visível através destes iscos? Iscos que estendem a definição de «coisa» e de «objeto» até ao infinito — ou mesmo até à humanidade propriamente dita, como no caso das crianças oferecidas enquanto oblatos, aos mosteiros medievais, no fundo como oferendas vivas, em agradecimento por uma graça recebida; ou mesmo quando se dá uma parte de si, ou o corpo inteiro, impondo-lhe gestos, transformações, etc.

Desde o Chipre do Neolítico, à *Magna Grécia* do século V, à Itália do século XV, nas Ilhas Trobriand até ao século passado, a Paris ou Tóquio do século XXI, mulheres e homens exprimem os seus sofrimentos e os seus desejos através de tais «objetos». Essa documentação notável fica demasiadas vezes confinada aos inventários e aos estudos sobre as artes e devoções populares, não tomando em linha de conta a diversidade dos atores e dos afetos que historicamente estas práticas carregam, nem as formidáveis transformações do fenómeno votivo, ao longo destes últimos 20 anos, à escala planetária. Hoje já não é possível considerar estes comportamentos como o crepúsculo de uma prática ancestral: as últimas décadas viram a multiplicação, no espaço público, de depósitos espontâneos de objetos, de coisas, cada um, à sua maneira, exprimindo afetos, um pedido ou um agradecimento. Se o acumular de órgãos enfermos, de muletas ou de gessos obriga a pensar na exposição coletiva dos sofrimentos íntimos, a diversidade das práticas contemporâneas força-nos a reenquadrar o fenómeno no contexto de uma sociedade de consumo e convida a tomar em consideração as fotografias de motos e outros aparelhos objeto de desejo, camisolas de futebolistas, juramentos de amor e manifestações de gratidão pela obtenção de um diploma ou da carta de condução, enquanto práticas que incitam a dilatar o conceito de voto (primeiro pagão e depois cristão), para encontrar, um mais abrangente, o *desejo*.

Os cadeados de amor presos às pontes que se multiplicam no mundo urbano desde os anos 90 são mais um exemplo, entre outros, de um materialismo afetivo que, por vezes, sem divindade e mesmo sem lugar de culto, se impõe como uma modalidade contemporânea de relação com o espaço público.

¹ Uma primeira versão deste texto foi publicada em francês como introdução ao número 70 *Matérialiser les désirs. Techniques Votives* da revista «Techniques & Culture». Disponível em <<https://journals.openedition.org/tc/9361>>.

A partir de agora não podemos limitar-nos ao universo das maquetes de barcos e de pequenas pinturas «naïves». A imagem já não é o modelo por excelência do ex-voto e os poderes da semelhança já não são os únicos meios operatórios para compreender a sua eficácia. Torna-se necessário devolver à prática toda a sua diversidade: pilhas de cera dispostas nas igrejas, frutas e legumes depositados diante dos altares, estatuetas de animais, mas também telas de Rafael, de Poussin ou de Ingres, praças de cidades ou igrejas, inscrições gravadas no mármore ou escritas à mão, objetos industriais e pessoas vivas, tudo, ou quase tudo, pode ser investido de uma intenção votiva.



Fig. 2. Pensar o ex-voto como uma expressão do desejo. Ex-voto em cera em Fátima, loja de objetos devocionais, 2019
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar

Mas será que se trata aqui de um alargamento profano e contemporâneo da esfera do ex-voto, ou de novas categorias de objetos que tem pouco a ver com as ceras anatómicas e com os relatos de milagres pintados nas telas? Parece-nos que uma abordagem histórica e de antropologia comparativa permite responder a esta questão, bem como fazer surgir nas práticas ancestrais dimensões que permaneceram subterrâneas, particularmente no que diz respeito a questões sociais, coletivas e comunitárias.

Na última década, a investigação foi largamente renovada por uma série de pesquisas dos dois lados do Atlântico: na América Latina, em primeiro lugar, com o projeto *Ex Votos das*

Américas; nos Estados Unidos, graças a uma série de publicações e de uma exposição no Bard Center, em Nova Iorque, *Agents of Faith: Material, Place, Memory*; e mesmo em França, onde, desde 2015, decorre na EHESS um seminário aberto (*Saintetés, sacralités, dévotions. Pour une anthropologie historique de l'objet votif*), que contribuíram para redefinir os quadros científicos de uma interrogação sobre o sentido dos objetos e das práticas votivas².



Fig. 3. Folha de rosto da obra *An account of the remains of the worship of Priapus, lately existing at Isernia, in the Kingdom of Naples*

Fonte: KNIGHT, 1786

Trata-se aqui de uma aproximação à coisa e ao problema pelos seus limites, abrangendo, num mesmo movimento, por um lado, a extraordinária estabilidade de formas revelada por Georges Didi-Huberman (2006), que impõe pensar na presença de objetos praticamente similares em depósitos votivos célticos e em santuários cristãos do século XXI, e por outro, numa cada vez mais urgente necessidade de historicidade, face a um fenómeno totalmente plástico, e de compreensão constantemente mutável.

Se o ex-voto fascina, pela sua diversidade, permanências e inventividade, talvez ele tenha também paralisado historiadores e historiadores da arte, num confronto com o objeto que os impede de apreender toda uma série de questões sociais, afetivas e políticas que a prática envolvia. Foi por isso que, dentro do possível, nos quisemos distanciar do ex-voto para considerar as *técnicas votivas*, enquanto diferentes meios de associar intenções e matéria. Trata-se,

² Este seminário deu origem a uma coleção de estudos na revista «Pietas», de Munique. Os resumos deste volume estão disponíveis na revista «Techniques & Culture». Disponível em <<https://tc.hypotheses.org>>.

portanto, de não considerar os ex-votos como objetos fechados, mas como coisas em perpétuo devir. Isto aplica-se, claro, aos processos de fabrico e às cadeias operatórias visando quer a produção de um objeto especificamente para um voto quer a transformação de objetos comuns em objetos portadores de intenção. Isto diz respeito sobretudo ao momento, frequentemente transitório, durante o qual o objeto existe enquanto objeto votivo, o tempo da sua visibilidade. Aqui, quisemos fazer uma chamada de atenção particular para os *dispositivos*, no sentido foucaultiano, ou seja, à forma como os lugares, os espaços, os ornamentos, mas também os textos, os relatos, se podem articular para conferir uma forma de eficácia a esses objetos. Se eles visam a produção de efeitos, as suas disposições testemunham também relações de força, sempre singulares e de arbitragens particularmente sensíveis, entre os corpos individuais e o corpo social, entre as políticas institucionais e os sofrimentos individuais, que nem sempre estão de acordo.

Por fim, pareceu-nos indispensável pensar o ato votivo para lá da materialidade implícita para considerar as *ações rituais*, os gestos das mulheres e dos homens que depositaram estes objetos, ou que os realizaram, etc.

A partir da Europa e da América cristãs, que reúnem o essencial das nossas áreas de especialização, elaborámos coletivamente, no contexto do seminário da EHESS, uma definição capaz de tornar possível e mais alargada a comparabilidade (ou para descobrir incomparáveis). A seguinte: o ex-voto é uma dádiva física com uma potência imanente de ação num lugar específico e a expressão de um desejo formulado ou satisfeito. Esta dádiva é um ato de um indivíduo ou de um grupo, sempre rodeado de outras dádivas do mesmo tipo.

2. OS NOVOS INVISÍVEIS

Se procurámos uma definição o mais abrangente possível, será que esta permite compreender a diversidade e multiplicidade das práticas contemporâneas? Apesar das dádivas votivas já não serem objeto de prestigiosas encomendas dos príncipes, deve-se notar com Ceri Houlbrook que, longe de desaparecer, as «disposições populares» dos mais variados objetos, árvores cobertas de sapatos, cadeados de amor, lápides, depósitos memoriais após um acidente ou um atentado, se multiplicaram desde os anos 90. Se existe uma continuidade de gestos, de práticas, essas disposições anónimas podem acontecer sem referência a uma divindade, e permitir que «os novos invisíveis» emergjam. Qual é a natureza dos votos que se exprimem aos pés da estátua de José Tomás de Sousa Martins? De que forma este médico progressista do século XIX desempenha, hoje, um papel de intercessor? O que acontece quando um turista deposita, ao pé de uma cópia da chama da Estátua da Liberdade da Pont de l'Alma, em Paris, um agradecimento à Princesa Diana pelo «seu pequeno apartamento»? Por que é que, alguns anos depois, o mesmo lugar acolhe também cadeados de amor? A parede da casa de «Julietta» em Verona está hoje recoberta por uma estranha composição coletiva de cartas de amor, pedidos ou agradecimentos, colados por pedaços de pastilha elástica nas veneráveis pedras da suposta casa da

heroína trágica. Por que vias é que uma princesa que morreu num acidente de carro ou uma heroína literária que cometeu suicídio, se tornaram intercessoras solicitadas em domínios tão diversos quanto a busca da alma gêmea ou de um apartamento?

É forçoso constatar que existe uma difusão horizontal dos desejos por meio das «coisas», que já não responde ao esquema de uma transcendência. Quando se pendura um cadeado sobre outro cadeado, quando se desliza uma carta de apelo para trás de um velho ex-voto e não em frente de uma imagem de culto, todas essas técnicas de desvio e reutilização contribuem para fazer de cada um ator e, portanto, de certa maneira, um intercessor, ao passo que, nos casos em que a prática dos ex-votos é enquadrada por uma estrutura religiosa, o intercessor é o poder encarnado que reveste o lugar sagrado. Este fenómeno obriga assim a considerar as situações mais radicais, às quais os «novos invisíveis» estão ligados: a casa de Julieta não pode ser compreendida sem evocar as paredes de pastilha elástica que se multiplicam por todo o mundo, trechos de parede recobertos de pastilha elástica, mascada, ou a já desaparecida ponte das pastilhas elásticas de Veneza, onde os amantes dos anos 2000 vinham colar as suas salivas misturadas por uma lembrança (ou, por vezes, por um voto).

Nesse sentido, as notáveis *árvores de moedas* das Ilhas Britânicas são particularmente ricas em ensinamentos, desde que Ceri Houlbrook demonstrou que aquilo que antes era uma prática votiva provada (inserir moedas na casca de uma árvore) não cessa de ganhar amplitude quando alguns dos atores, com que esta se deparou na sua investigação, afirmaram não ter formulado um voto.

Sem divindades, sem votos, essas disposições forçam-nos a considerar um desejo cada vez mais forte de fazer eclodir comunidades de atores anónimos com a cumplicidade de um mundo material reinventado. Este coletivo, mais do que a instituição responsável pelo lugar, frequentemente refratário à materialidade dessas práticas, valida a eficácia da topografia



Fig. 4. Ex-voto diante da estátua do médico José Tomás de Sousa Martins, agosto 2017
Fonte: Wikimedia Commons (domínio público)



Fig. 5. Oferta votiva (pormenor). Em 1987, este ex-voto pintado de André Durand comemora, num dúbio *cliché*, a inauguração do primeiro serviço dedicado aos pacientes com SIDA pela Princesa de Gales, Lady Di. Após a sua morte, ela será o destinatário de muitos desejos.

Fonte: © Mucem

votiva perpetuando-a (mesmo de modo satírico, como nota Anne Lepoittevin no seu estudo sobre o Pasquino romano). O ex-voto, assim concebido, torna-se objeto de testemunho, ao serviço da emanação e do poder do santuário aos olhos de outros peregrinos, como nota Agnès Giard no Japão.

Primeiramente caótica, a afixação selvagem — tanto em santuários antigos como em «templos» sem deuses nem votos — desenha, pouco a pouco, uma cenografia da dádiva, mimeticamente repetida por todos os peregrinos. Ele pode então escapar às autoridades e aos limites construídos do santuário para sacralizar elementos naturais como as árvores (retomando por vezes rituais antigos, como Vasiliki Zachari observa na Grécia). No santuário de Istambul, estas últimas tornaram-se o suporte de fios votivos ou de berços suspensos feitos à mão, como expressões de desejo do nascimento de uma criança. Em Chalma, no México, a poucos passos do santuário que, até comporta uma sala consagrada aos ex-votos, as árvores recebem o cordão umbilical de crianças finalmente nascidas.

Ao centrar a nossa definição na dádiva, inscrevemos o ex-voto entre os grandes temas da antropologia. Será necessário aproveitar a vasta historiografia da antropologia da dádiva para compreender que a prática votiva não decorre da troca comercial, mas que, igualmente esta se encontra em oposição a uma interpretação teológica da dádiva como manifestação de um «amor puro»³. Além disso, o ex-voto não deve ser confundido com o sacrifício, mesmo que compartilhe certos traços, nem pode ser equiparado a toda a oferta religiosa. O ex-voto não é apenas uma dádiva, é uma dádiva pública acompanhada de uma promessa, de um voto, de um desejo. Por que é mais eficaz acompanhar a formulação desse desejo com uma dádiva material? Essa é a questão que devemos agora colocar.

³ Um «amor puro» cujas aporias Jacques Le Brun mostrou admiravelmente. LE BRUN, 2002.



Fig. 6. Mensagens de amor coladas com pastilhas elásticas, no corredor da casa de «Julietta», em Verona, 2008

Fonte: Helle Krog



Fig. 7. Desejos amarrados, tecidos e embalagens plásticas, Castelo de São Hilário, Chipre, 12 de julho de 2017

Fonte: Thomas Golsenne



Fig. 8. Árvore com prego: árvore de Gravenvoeren, Voeren, Limbourg, Bélgica



Fig. 9. Cadeados votivos — Odzun, Arménie
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar

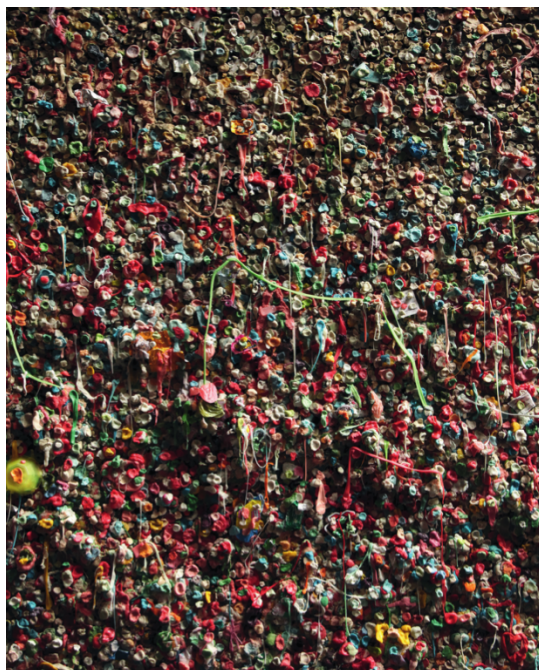


Fig. 10. Parede de pastilha elástica, Seattle, 2015
Fonte: Daniel Schwen in Wikimedia Commons



Fig. 11. Cristo das ameijoas, Santuário do Divino Amore
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar



Fig. 12. A bicicleta de Moser. Francesco Moser e Eddy Merckx são dois campeões de ciclismo, ambos reconvertidos em criadores da sua própria marca de bicicletas, tendo ambos doado a sua bicicleta vitoriosa à virgem do Santuário do Divino Amore, nos arredores de Roma

Fonte: Pierre-Olivier Dittmar



Fig. 13. A bicicleta de Merckx

Fonte: Pierre-Olivier Dittmar

3. TEMPORALIDADES: FUNDIR-SE E SINGULARIZAR-SE

Cada objeto votivo produz uma relação singular com o tempo, que convida à interrogação sobre a intenção dos atores. Marinheiros naufragados — para voltar brevemente a esse exemplo «canônico» que aqui deixámos deliberadamente no antiquário⁴ — fizeram sempre um voto antes de depositar uma placa votiva? Certamente, eles escaparam à morte, naquilo que consideraram então uma causa desesperada (os pequenos quadros, que foram inumeráveis no século XIX, mostram-nos frequentemente os tripulantes num estado de passividade, quase extático, à espera de um fim certo), como fruto da intervenção divina. Mas teriam eles a *intenção* de fazer esse depósito? Podemos, de um modo mais geral, chamar de *ex-voto* aquilo que não resulta de um voto anterior? Esta é uma questão fascinante e difícil, porque coloca o problema de todos os atos que não são precedidos de um voto, mas que acompanham um voto: duas temporalidades aqui, que não se confundem, ou que, pelo menos, metodologicamente é importante distinguir para melhor podermos então mostrar as ligações. No primeiro caso, o objeto atesta um desejo anterior, no segundo ele atesta um desejo presente. Mas como é que podemos saber o que é feito desse voto anterior, *a não ser pela prova que é produzida*? E, inversamente, o voto imediato, projetado num porvir, não procede obscuramente de uma primeira intenção? Mas alguma vez nos encontramos num santuário por acaso? A palavrinha do *ex-voto* é preciosa, pois mantém aberta a possibilidade dessa precedência.

Além disso, a realização de um voto passado não é também, geralmente, uma promessa? Estaremos apenas a cumprir um voto? Ou contrairemos sempre uma nova dívida, que é também uma nova segurança? Como é que um voto *pontua* o tempo de uma vida, ritmando-o sem limites?

Para lá da questão da intenção, os próprios objetos testemunham relações particularmente contrastantes com o tempo. Na proliferação de casos e situações, dois tipos parecem emergir, que são também duas relações distintas com o coletivo.

Devemos, em primeiro lugar, considerar os depósitos votivos que se inscrevem numa *vida cíclica*. Quer sejam oferendas votivas anatômicas em cera ou metal, velas simples ou pedaços de cera, encontramos-nos face a objetos seriais produzidos em ambiente industrial ou proto-industrial, que implicam uma anonimização dos corpos e desejos. Objetos pobres, padronizados, mil vezes moldados e desmoldados, essas dádivas geralmente fazem parte de uma temporalidade rápida: adquiridas nos próprios locais de peregrinação, o seu tempo de vida é largamente enquadrado pelas instituições que administram o tempo de exposição, colocando ou retirando esses objetos em função dos fluxos, assumindo assim as modalidades práticas de mediação com a divindade. O caráter perecível ou reciclável dos materiais utilizados é fundamental: a vida desses objetos está ligada a um sofrimento ou a um desejo que queremos

⁴ Mas pode ser encontrada uma tentativa de uma nova leitura em Pierre Antoine Fabre e Bernadette Roberjot, *La langue de terre dans les ex-voto marins*. FABRE, ROBERJOT, 2019.

acreditar temporário. Esses fragmentos de corpos são feitos para desaparecer, eles «vivem e morrem»⁵. São revendidos, repostos em circulação e por vezes fundidos para poder acolher, sobre uma nova forma, novos desejos.



Fig. 14. No santuário de Santa Maria Adelaide cruzam-se duas relações com o tempo, a cíclica das oferendas votivas de cera e a das relíquias da Virgem que estas temporariamente circundam
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar

Anônimos e coletivos, esses corpos fragmentados possuem também uma historicidade implícita, tendo sido a matéria de cada orelha, de cada pé de cera exposto capaz não só de suportar a dor e o sofrimento de outros indivíduos, mas também de pertencer a outra forma, a outro órgão carregado de dor e desejo. Mas seja o depósito furtivo, efêmero ou perene, importa que o objeto prometido ao santuário permaneça, ainda que por um momento, em contacto, ou pelo menos perto do poder que atua no local, pois é então e apenas então, que os objetos dos indivíduos passam a ser da divindade, tal como Vasiliki Zachari observa no seu estudo sobre os antigos *pinakes gregos*.

Essa forma de depósito votivo percorre toda a história ocidental e obriga o historiador ou antropólogo a conceber perspectivas de muito longa duração, inversamente proporcionais ao tempo efêmero destes objetos. No entanto, esta não pode constituir um modelo geral, visto que existem numerosos ex-votos cuja relação com o tempo é praticamente oposta.

De facto, desde o século XV que, no Ocidente, temos testemunhado uma multiplicação de objetos votivos de um tipo diferente, que sublinham o *voto memoria*. Quadros realizados pelos maiores artistas, *performances* de pintura, esculturas de mármore ou proezas de ourivesaria preservadas nos tesouros das igrejas, representam cuidadosamente a aparência física dos encomendadores. São objetos valiosos, feitos de materiais preciosos, muitas vezes reservando espaço para uma inscrição, explicativa ou invocativa. São também objetos de prestígio, onde tanto o artista como a instituição são, desta vez, os principais mediadores. Às vezes,

⁵ CHARUTY, 1992.

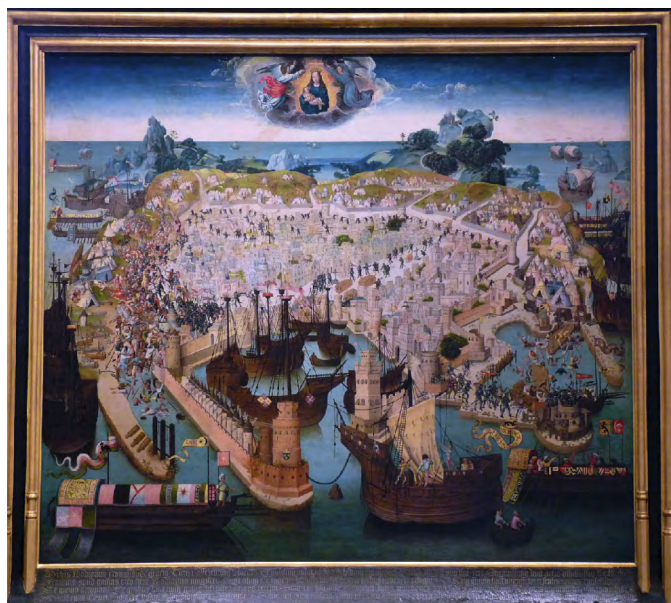


Fig. 15. *O cerco de Rodes*, 1480. Este ex-voto oferecido à Notre Dame de Paris foi recusado pelos cónegos (HAMON, 2009)

Fonte: Étienne Hamon

até edifícios inteiros são ex-votos edificadas por comunidades ou por um senhor, como quando Francesco I Gonzaga de Mântua fez construir o Santuário de S. Maria delle Grazie em Curtatone na década de 1380, como Valeria Motta estudou detalhadamente, para agradecer à Virgem por libertar a região da peste. Esses *votos memoria* exibem singularidades. Explicitamente feitos para durar, testemunham, ao longo do tempo, uma situação excepcional em que a originalidade de um indivíduo (o encomendador) e de um acontecimento (um milagre) parecem corresponder e reforçar-se mutuamente. Todos os habitantes de Mântua beneficiaram com o fim da peste e todos continuam em dívida com o Príncipe Francesco I. Um forte valor de ostentação é aqui acrescentado, porque é importante que o doador mostre a sua dádiva aos seus súbditos.

Se este *voto memoria*, testemunha singular do ato devocional de um indivíduo abastado, a princípio parece ser prerrogativa de uma elite, capaz de comandar, esse privilégio aparenta diminuir no curso dos séculos XIX e XX, onde assistimos a uma democratização deste tipo de doação, da qual os pequenos quadros pintados, por vezes para um grupo de indivíduos, são uma primeira manifestação.

A idade de ouro da *tabuinha*, que se situa na Europa entre 1850 e 1950, testemunhou um novo desejo de durabilidade. Por mais modestas que sejam, essas obras singularizam-se e inscrevem-se no tempo. Mais ainda, a popularização dos meios de reprodução mecânica (principalmente a fotografia) leva a uma hibridização das duas categorias que acabamos de distinguir.

Uma evolução fundamental do fenómeno votivo no século XX é a multiplicação de santuários fotográficos, onde a acumulação de imagens de si mesmo, de pessoas próximas, muitas vezes acompanhadas de algumas palavras no verso, atesta a apropriação, por peregrinos modestos, de uma prática anteriormente reservada a uma elite. Mas não nos deixemos enganar quanto às conceções de sujeito veiculadas por este fenómeno, que devem ser entendidas levando-se em conta os dispositivos implantados: a intensa proximidade entre essas fotografias atesta uma vontade de incluir a exposição de casos individuais no seio de uma comunidade emocional.



Fig. 16. Ex-voto à virgem Wintzenheim, Capela de Nossa Senhora do Bom Socorro
Fonte: © Région Alsace — Service de l'Inventaire et du Patrimoine

Somos, assim, levados a inscrever o ex-voto fotográfico na longa duração. Não se pode deixar de ficar impressionado, em muitos santuários, pela transição perfeita de pequenas pinturas pintadas para placas de mármore, e por uma razão simples e forte: não há representação da catástrofe milagrosamente evitada, senão depois do golpe. Não fotografamos o evento. E é verdade que as fotografias votivas são geralmente retratos, de homens ou de coisas. Mas não poderíamos imaginar uma terceira fase — um tanto vertiginosa — em que, numa espécie de efeito presentista, fotografássemos a própria catástrofe, numa sublime *selfie*?

Esse terceiro tempo é já o de hoje: assim, no México, no Brasil ou na Itália, a fotografia votiva é objeto de um verdadeiro trabalho coletivo: o acidente ou a operação «milagrosa» são documentados do exterior, por fotografias de próximos, às vezes em série, numa colagem de composições complexas. Tal como outrora a tabuinha pintada, o ex-voto fotográfico documenta aqui o acidente e a sua resolução.



Fig. 17. Sala dos Milagres de Paudalho São Severinos de Ramos, Brasil D.R.

Esses diferentes tipos de temporalidades levam-nos a uma outra dimensão da questão: a do *lugar* votivo. A oferta votiva deve permanecer no santuário para merecer o seu nome ou pode simplesmente passar por ele? O ex-voto pode-se tornar um «ex-templo»? A questão da conservação a longo prazo do objeto é aqui indiretamente colocada. Se concordarmos que o ex-voto deve ser depositado, será que ele pode de seguida ser legitimamente destruído ou reciclado (leia-se revendido, como vemos em alguns santuários mexicanos contemporâneos)? Qual é o centro de gravidade do ato votivo: o gesto ou o objeto? Qual é, então, o papel desempenhado pela materialidade na mediação votiva? E quanto à individualidade? Porque podemos imaginar que um objeto refundido, redistribuído, desqualificado ou requalificado não terá menos eficácia precisamente, talvez, porque a singularidade do ato se confunde numa comunidade de fé.

Vemo-lo claramente: a abertura da investigação às formas aparentemente mais paradoxais ou marginais do ato votivo, permite abalar uma conceção implicitamente ligada, sem dúvida, às modalidades mais inventariadas, imagens, estátuas, etc.: o pressuposto de uma identidade substancial do objeto. Talvez essa conceção tenha, de facto, perdido espaço na cena contemporânea, o que nos confronta, por definição, com o efémero, com o evento, com a fugacidade das ações. Mas talvez também todos os tipos de formas antigas tenham sido esquecidos sob sua influência. É, pois, essencial para nós, com este *dossier*, ter uma dupla perspetiva no espaço e no tempo.

4. TÉCNICAS DE OCUPAÇÃO MATERIALISTAS

As técnicas votivas são técnicas coletivas. Um ex-voto solitário não tem sentido, e uma dádiva votiva não tem sentido se não visível para os outros. Não se trata apenas de dar, mas ao mesmo tempo *testemunhar* e *chamar a testemunhar*. Não nos enganemos, a expressão coletiva dos sofrimentos e desejos individuais é também sempre uma forma de política, visto que ela invoca, ou seja, provoca, forças públicas.



Fig. 18. Recipiente de ex-votos. Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe México, 2016 D.R.

É menos a mensagem, frequentemente formulaica e repetitiva, que é reivindicativa, do que a própria prática que estabelece uma relação de forças, por vezes além do quadro admitido, e que, em muitos casos, sublinha a *ocupação* de lugares de culto em geral, lugares de peregrinação, os lugares turísticos dos dias de hoje, para os quais converge a maior população possível — certos destinos, como a cidade de Roma, dificultando a separação de géneros.

Aqui, devemos considerar os lugares ao longo do tempo para medir o impacto das crises, o quanto delas podem redefinir a natureza das relações de forças entre as instituições e os coletivos desejanτες. Como não ficar assombrado com o acumular de textos, imagens, objetos nas igrejas durante a Primeira Guerra Mundial, uma materialização acumulada, coletiva e solidária de angústias inteiramente singulares? É preciso imaginar a Notre-Dame de Fourvière, em Lyon, literalmente invadida por objetos, e compará-la com seu estado atual, onde a memória dessa ocupação só é apresentada na forma de alguns corações, alinhados por tipologia atrás de vitrines. É preciso também ver no México como se pode construir o culto de uma imagem, o da Guadalupe, de uma maneira autoritária, com um dispositivo de recipientes de ex-votos e tapetes rolantes que impeçam qualquer paragem, qualquer ritmo próprio, qualquer apropriação material do lugar pelos seus ocupantes que não são mais que transeuntes.

Quer se trate de instituições eclesiais ou municipais, essas autoridades procuram dominar uma expressão que as ultrapassa. De Veneza a Paris, cadeados de amor são desmontados, serrados e às vezes revendidos, as paredes de pastilha elástica são limpas como se apagam *graffiti*. Vitórias efémeras: mal a Pont des Arts é desobstruída, a Pont Neuf é coberta com cadeados. No México, são os arredores do Santuário da Virgem de Guadalupe que são

palco de danças, cujos trajés atestam uma criatividade transbordante em cores vivas e cujos acessórios nada ficam a dever a uma instalação de Annette Messager. A materialidade devocional é transportada no corpo, por tal não pode ser controlada pelas autoridades, desde os primórdios da Conquista. O desejo de ocupar o espaço público, de aí implantar os seus afetos, sofrimentos e desejos sem delegá-los às instâncias reguladoras, parece ser cada vez mais forte no contexto da crise de representação política que vivemos hoje. A atualidade recente confirma de forma exemplar as possibilidades políticas das formas votivas: se existe um ponto em comum entre as revoltas de 2019 nas ruas de Argel e nas de Hong Kong, ele está na prática partilhada que consiste em saturar o espaço público de *post-its*, colados uns sobre os outros, uns ao lado dos outros, levando coletiva e anonimamente, aos olhos de todos, uma série de desejos e sofrimentos individuais.



Fig. 19. Manifestação pró-democracia nas ruas de Hong Kong, novembro de 2014

Fonte: Adam Singer

5. DA RUA AO MUSEU: IDA E VOLTA

Certamente, o lugar ativa a agência do ex-voto articulando o singular com o coletivo, o presente com o passado — e, nos limites que vimos recordando, o pessoal com o institucional. Mas se for simplesmente exposto, sem oração ou qualquer outro ritual, o objeto votivo pode ser «descarregado», como os Mukasari Ema analisados por Agnès Giard que, depois de mais

de 30 anos, são remetidos para o museu porque já não funcionam, já não são honrados por ninguém; mas talvez seja também porque a sua simples exposição convida os espectadores a um olhar estético sobre eles. Expostos num espaço museográfico, não são mais identificados como objetos devocionais ativos, embora às vezes possamos ficar surpreendidos pelo depoimento de certos guardas do museu, perturbados pela genuflexão orante de um visitante ainda muito *afetado*. Os objetos votivos do Bazar de San Juan, estudados por Caroline Perrée, também perdem toda a carga devocional quando são postos à venda: uma mudança de valor, como insistimos acima.

No México, desde os anos 2000, surgiu uma moda de pinturas que assumem os códigos formais dos ex-votos, a tal ponto que o seu artista mais famoso, Alfredo Vilchis, foi exibido no Louvre aquando da homenagem prestada a J. M. G. Le Clézio em 2011. As pinturas de Vilchis e David Mecalco encontraram o lugar nas coleções do Mucem. Que estatuto deve ser dado a esses objetos, que têm uma forma votiva sem ter uma intenção? A sua iconografia retoma a dos ex-votos, mas os milagres, esses são pouco convencionais: um fã comemora a vitória de um *luchador*, a prostituta agradece pelos clientes, a mulher agradece a San Judas pelo marido não descobrir o amante escondido debaixo da cama, e o *retablero*, pintor do ex-voto, implora à Virgem de Guadalupe que proteja os emigrantes das malfeitorias de Donald Trump. Essas oferendas votivas nunca foram encomendadas por uma terceira pessoa para oferecer ao divino e não encontraram lugar nos santuários, mesmo que Vilchis tenha feito algumas por encomenda piedosa. Na maioria das vezes, esses «milagres» vêm diretamente da imaginação dos criadores, que, no entanto, não eram considerados artistas, nem mesmo artesãos, pois vendiam (e ainda vendem) as suas produções numa *feira da ladra* da Cidade do México, o Lagunilla. O seu sucesso entre turistas e colecionadores não fez mais que encorajar a sua veia milagrosa, e são hoje reconhecidos como artistas e exibidos em galerias e museus. Alfredo Vilchis é apelidado de Da Vilchis do México em referência a Leonardo da Vinci. Se nem as suas estórias nem as suas ilustrações coincidem com os milagres modelados pela tradição, essas imagens mostram um México quotidiano no qual todos se reconhecem. Exibidos em conjunto, eles constituem um verdadeiro fresco social, de forma muitas vezes humorística, como no caso das paródias romanas estudadas por Anne Lepoittevin.

A tomada em consideração desses casos limítrofes impõe pensar na artificação das formas votivas fora do espaço do museu. De facto, as paredes de ex-votos nas ruas constituem hoje pontos de intensidade no espaço público enquanto lugares de eleição que competem com os *white cubes* do museu ou da galeria. O caminhante atento que imaginámos no início desta introdução não terá deixado de perceber, entre as imagens de acidentes e de pedidos de crianças do Largo Preneste, a presença de um espaço invasor em mosaico, uma obra de arte de rua perdida por entre os votos «cristãos». Para quem se dá ao trabalho de reparar, dificilmente existe um lugar votivo que não esconda uma ou mais propostas artísticas, por vezes assumidas, por outras discretas. Acima de tudo, já não parece possível pensar num processo simples a partir das devoções «populares» evoluindo para uma museificação esterilizante.

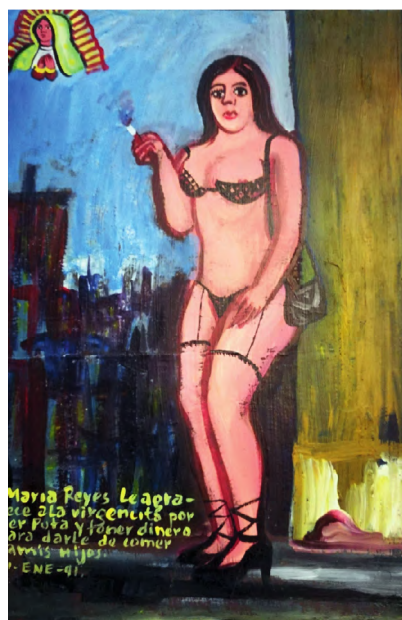


Fig. 20. Ex-voto de Maria Reyes par David Mecalco, Mexico «María Reyes agradece à pequena Virgem [a Virgem de Guadalupe] por ser uma prostituta e ter dinheiro para dar de comer aos meus filhos» (21 jan. 91). «Ex-voto de David Mecalco que, como muitos criadores mexicanos, inventa pinturas de iconografia votiva mas que não respondem a uma prática devocional. Esses ex-votos, muitas vezes subversivos nos temas e nos estilos, narram a sociedade mexicana de uma forma ao mesmo tempo satírica e realista»

Fonte: Cortesia de Valérie Perrée Le Rol

A evolução da *paredes de ofertas* de Avignon é sintomática da complexidade dos destinos contemporâneos. Em 1994, alguns blocos de cimento de uma parede da prisão de Sainte-Anne d'Avignon foram destruídos e começaram a receber os mais diversos objetos. Um artista, Marq Tardy, reivindicou mais tarde esta intervenção, inicialmente pensada como puramente artística e efêmera. Gradualmente, a obra escapa ao seu criador e dá lugar a ofertas espontâneas, então geralmente interpretadas como presentes de famílias para prisioneiros reclusos atrás desse muro. Mas desde 2003, quando a prisão foi fechada, o muro não cessou de se enriquecer e de se regenerar, embora o motivo mais evidente para a oferta tenha desaparecido.

Ameaçada de desaparecimento, a parede foi depois objeto de proteção e exposição e continua ativa até hoje, sendo a sua renovação documentada *online* por um grupo de amadores. Mais uma vez, a importância do dedicado parece empalidecer perante um conjunto de ligações horizontais: a presença de um microevento urbano num lugar significativo assinala e faz com que uma comunidade de anónimos lance mãos à obra. Mais do que a relação com os invisíveis, é uma lógica de *estigmergia*: um estigma (um traço) na rua, gera um *ergon* (uma obra). Mas essa forma de cooperação indireta assemelha-se pouco com as construções das formigas ou das térmitas que tornaram possível forjar esse conceito. Não há aqui necessidade de coerência, para chegar a alguma estrutura sistemática, uma vez que as questões são mais expressivas do que construtivas⁶.

⁶ O conceito de *estigmergia* foi criado em 1959 por Pierre-Paul Grassé para descrever o processo de fabricação de habitats animais, como os invólucros de certos abelharucos, os raios de cera das abelhas ou os ninhos de térmitas. É usado no contexto da arte de rua por Lachlan MacDowall. MACDOWALL, 2014.



Fig. 21. Muro de oferendas, antiga prisão de Sainte-Anne, Avignon
Fonte: Pierre-Olivier Dittmar



Fig. 22. Cadeados votivos em Saint Ortaire, Bagnoles-de-l'Orne
Fonte: Marie-Anne Polo de Beaulieu

6. OBJETOS PARA FAZER PESSOAS

Durante muito tempo, os depósitos votivos foram considerados como variações populares, efeitos colaterais da imagem de culto. É por isso que foram teorizadas de acordo com um esquema, primeiro de tudo vertical, para o qual se tratava de compreender como o dom das coisas possibilitava o acesso a diferentes formas de transcendência. Depois de ter explorado neste número as formas de dom mais contrastantes no tempo e no espaço, tomando em linha de conta, tanto quanto possível, processos e dispositivos, o fenómeno surge-nos sob uma nova luz. A ausência de uma divindade e, por vezes, de um voto explícito obriga-nos a considerar os depósitos votivos em toda a sua imanência. Em muitos casos, deparamo-nos com estruturas horizontais, criando cadeias eletivas e de solidariedade entre esses donatários sem destinatários.

Essas criações coletivas indiretas não se resumem a uma justaposição de egocentrismos. Esses locais vocacionam-se agora, em larga medida, a criar vínculos e a relatá-los de forma expressiva. Aqui, melhor do que em qualquer outro lugar, podem emergir as relações entre vivos e mortos, entre amantes, entre membros de uma família ou os laços forjados no sofrimento do trabalho, na guerra ou na miséria. Por fim, devemos sobretudo compreender as comunidades criadas por esses depósitos enquanto elementos de ligação afetiva comprometida não só de humanos entre si, mas também entre indivíduos e os fragmentos de um mundo visível em toda a sua heterogeneidade, com carros antiquados, tranças de cabelo, cães, burros, árvores e pedras.

BIBLIOGRAFIA

- BOULLET, François; BOULLET, Colette (1978). *Ex-voto marins*. Genève: Éditions Maritimes et d'Outre-Mer.
- CHARUTY, Giordana (1992). *Le vœu de vivre*. «Terrain: le corps en morceaux». 18 (mar.) 46-60. DOI: doi.org/10.4000/terrain.3031.
- COUSIN, Bernard (1981). *Ex-voto de Provence: images de la religion populaire et de la vie d'autrefois*. Paris: Desclée de Brouwer.
- DEYTS, Simone (1985). *Le Sanctuaire des sources de la Seine*. Dijon: Musée archéologique.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (2006). *Ex-Voto. Image, organe, temps*. Paris: Bayard.
- FABIANI Giuseppe (1950). *Ascoli nel Quattrocento*. Ascoli Piceno: Società Tipolitografica Editrice. Vol. I: *Vita Pubblica e Privata*.
- FABRE, Pierre Antoine; ROBERJOT, Bernadette (2019). *La langue de terre dans les ex-voto marins*. «Pietas». 11, 93-108. [Consult. 2 fev. 2021]. Disponível em <https://hcommons.org/app/uploads/sites/1001606/2020/08/079_Ex-voto-in-lateinischen-Inschriften.pdf>.
- GODELIER, Maurice (1996). *L'énigme du don*. Paris: Fayard.
- GODBOUT, Jacques T. (2000). *L'esprit du don*. En collaboration avec Alain Caillé. Paris: La Découverte.
- HAMON, Etienne (2009). *An undesirable royal present: the ex-voto of the victory of Rhodes in 1480 at Notre-Dame de Paris*. «Bulletin Monumental». 167:4, 331-336.

- KNIGHT, Richard Payne (1786). *An account of the remains of the worship of Priapus, lately existing at Isernia, in the Kingdom of Naples*. London: printed by T. Spilsbury.
- LE BRUN, Jacques (2002). *Le Pur Amour. De Platon à Lacan*. Paris: Seuil.
- MACDOWALL Lachlan (2014). *Graffiti, Street Art and Theories of Stigmergy*. In LOSSAU, Julia; STEVENS, Quentin, ed. *The Uses of Art in Public Space*. New York: Routledge, pp. 33-48.
- MAUSS, Marcel (2013). *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. In MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, pp. 164-169. (Col. Quadrige).
- REVOLON, Sandra; LEMONNIER, Pierre; BAILLY, Maxence, dir. (2012). *Objets irremplaçables. «Techniques & Culture»*. 58. [Consult. 2 fev. 2021]. Disponível em <<http://journals.openedition.org/tc/6209>>.
- SAHLINS, Marshall (1976). *Âge de pierre, âge d'abondance*. Paris: Gallimard.
- SIGAL, Pierre-André (1985). *L'homme et le miracle dans la France médiévale (XI^e-XII^e siècle)*. Paris: Cerf.
- STRATHERN, Marilyn (1988). *The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press.
- TESTART, Alain (2006). *Des dons et des dieux*. Nouvelle édition. Paris: Errance.
- VEYNE, Paul (1995). *Le pain et le cirque*. Paris: Seuil.
- WEINRYB, Ittai (2016). *Ex-voto: Votive Giving Across Cultures*. New York: Bard Graduate Center.